

Diogo lamenta "drama do Brasil"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Veja o drama do Brasil. Sai um presidente doente e entra outro doente. Meu irmão entrou sadio, um atleta e saiu com problemas na coluna e uma safena no coração. E esse antes mesmo de assumir, ficou doente." O comentário é do general-de-divisão Diogo de Oliveira Figueiredo e foi feito ontem, pouco depois de tomar posse na vice-chefia do Departamento de Material Bélico do Exército. É a primeira vez que ele serve em Brasília.

O general Diogo Figueiredo lamentou o ocorrido com o presidente eleito Tancredino Neves, observando: "Todos lamentamos. Estaríamos mais satisfeitos se ele tivesse assumido. Teríamos um desfecho mais normal". O general prefere responsabilizar o destino pelo que está acontecendo com o presidente eleito.

Confessando-se "um peixe fora d'água", não só por estar em funções burocráticas, após vários anos de comando, mas também por encontrar-se no Distrito Federal, o general Diogo recusou-se a fazer apreciações políticas sobre o momento nacional: "Não sou político. Sou profissional. Sempre fui. E o Exército também. Sempre foi profissional. Aliás, não gosto quando se fala em profissionalização do Exército. Por quê? Ele nunca deixou de ser profissional".

Calmo e bem humorado, o general Diogo admitiu ter sentido, como membro da família Figueiredo, certo alívio ao ver seu irmão fora da Presidência: "Ele cumpriu a tarefa a que se tinha proposto. E graças a Deus agora está descansando. Cuidando da saúde. E vai ficar bom".

Da Arma de Cavalaria, o general Diogo Figueiredo é o último membro

de uma tradicional família de militares a ter ainda algum tempo de serviço ativo. Seu irmão Euclides Figueiredo cai na reserva em novembro.

Promovido a general, ele comandou a 2a. Brigada de Cavalaria Mecanizada, de Uruguaiana (RS); a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Rio); a 3a. Divisão de Exército, em Santa Maria, e a 1ª Divisão de Exército, no Rio. Sobre este último comando disse que ali tudo correu bem, sem nenhum problema, confessando mesmo ter tido um relacionamento "muito bom com o governador Leonel Brizola e com o prefeito do Rio, Marcelo Alencar".

"NADA A DECLARAR"

Outro oficial a tomar posse ontem, no QG, foi o responsável pelo IPM do Riocentro, em 1981, general Job Lorena de Sant'Anna. De acordo com o IPM perdido pelo general Job, e posteriormente arquivado pela Justiça Militar, os dois militares que se encontravam no Puma que explodiu nas proximidades do Riocentro, na véspera do dia 1º de maio, não tiveram responsabilidades e foram inocentados.

Ontem, depois de ter assumido a direção da Diretoria de Transportes do Exército (vem do comando do 1º Grupo de Engenharia de João Pessoa), deixada pelo general Ney Riopardense Rezende, o general Job Lorena disse nada ter a declarar sobre aquele episódio. Adiantou que a profissionalização do Exército é indubitável e que ela jamais sofreu qualquer interrupção ao longo da vida da Força.

Em outra cerimônia ocorrida ontem à tarde no Quartel-General, o general Fernando Valente Pamplona, que vem da 2a. Divisão de Exército, de São Paulo, assumiu a vice-chefia do Estado-Maior.



O PAÍS REZA



Foto Paula Simas/Agil - Telefoto Estado
Fernando Pamplona